

## O CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO MUNDIAL E O ESPAÇO GEOGRÁFICO DA AMÉRICA LATINA: (AMÉRICA DO SUL E BACIA DO RIO DA PRATA)<sup>1</sup>

Vera Maria Favila Miorin<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

As profundas transformações que vem ocorrendo nas relações econômicas internacionais, no final da década de 80 e início dos anos 90, trazem importantes conseqüências para a América Latina e tornam obrigatório o exame de sua inserção na economia mundial.

### O CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO

A partir de uma clara decisão política, a América Latina está atravessando um período de aceleração de esforços em favor de uma política de **integração econômica**, por parte da maioria de seus países.

Deve-se considerar três grandes blocos econômicos comerciais:

- EUROPA
- ZONA DE LIVRE COMÉRCIO (Nafta, EUA, CANADÁ, MÉXICO)
- JAPÃO ( com sua base de projeção no Pacífico)

As conseqüências dessa formação no mundo, determina:

1 - mudanças nas formas de relações e intercâmbio econômico cultural. O relacionamento, econômico dos países que não fazem parte dos agrupamentos maiores deverá ocorrer, cada vez mais, não com países, mas com

<sup>1</sup> Palestra apresentada no Seminário sobre Mercosul do Instituto de Ciências Humanas - UFPel.

<sup>2</sup> Prof. Tit. Dra. do Departamento de Geociências/CCNE/UFSC e Pesquisadora do CNPq

blocos. Como exemplo, tem-se o comércio atual do Brasil com a COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPÉIA (CEE):

2 - dissolução de laços bilaterais (país a país) e fortalecimento de agrupamentos supranacionais;

3 - crescimento de uma interdependência mundial em detrimento da diminuição da capacidade de cada país em influenciar no sistema internacional e de defender seus interesses;

4 - tendências ao fortalecimento do comércio multilateral (GATT).

No momento desenvolvem-se entendimentos para definir regras de intercâmbio de bens, serviços, propriedade industrial e intelectual que tem gerado incertezas no GATT. Por outro lado essas incertezas são importantes para os países latino-americanos, pois elas representam "brechas de barganha" junto as potências econômicas.

Existem dificuldades em traçar compromissos no tocante aos subsídios à agricultura na CEE e o Japão e Coreia são fatores de perturbação no comércio internacional. Porém, sabe-se que no final haverá acomodação da situação em busca da conveniência dos principais potenciais econômicos e comerciais.

Qual será o preço que os países em desenvolvimento deverão pagar para participar do jogo da integração econômica?

A globalização das trocas comerciais desencadeiam:

- um conflito entre a economia contemporânea proposta neste final de século através da liberalização da produção e dos mercados e a tendência à regionalização pela formação de blocos econômicos integrados;

- a consolidação de uma nova estrutura de produção, moldada pela tecnologia inovadora de produção e baseada no desenvolvimento acelerado da informática, robotização, biotecnologia, engenharia genética, novos materiais e serviços financeiros integrados.

Tudo isso deverá influir na evolução da região geográfica latino-americana ao atingir as relações sociais de produção, nesta década.

As diferenças que separam os países industrializados e tecnologicamente dotados daqueles que não o são, sobressaltam as relações e dividem o mundo atual.

A tendência é de se formar uma nova ordem econômica mais competitiva onde regras restritas e novas condições de acesso deverão influir nas relações da produção, na circulação e nos serviços da produção regional.

As regiões certamente se modificarão em sua conjuntura e estrutura determinando uma nova organização espacial regional, uma vez que seus padrões espaciais, caracterizadores, serão atingidos pela nova ordem econômica. Nos países em desenvolvimento as transformações permitirão a inserção externa dos países desenvolvidos sobre a produção interna regional.

A nova organização espacial regional que virá sugere a formação de cenários como:

- **Cenário Político:** as consequências políticas estão perdendo importância relativa no âmbito mundial e as regiões latino-americanas são vistas como área problema onde se sobressaem questões de dívida externa, narcotráfico e meio ambiente.

Desse modo, como organização político-econômica estas regiões não tem possibilidade de influir no curso dos acontecimentos políticos, econômicos e financeiros.

- **Cenário Político-econômico:** por outro lado a percepção externa da perda de solvência e influência na esfera internacional aumenta a vulnerabilidade e desagrega a capacidade de negociação da América Latina enquanto organismo vivo e independente.

Na atualidade essa nova disposição da ordem econômica está provocando modificações sobre o geográfico, ao interferir, diretamente, sobre os padrões que arranjam o espaço gerando as formas geográficas.

Analisando os fluxos do comércio mundial e o intercâmbio de produtos dinâmicos com relação a América Latina têm-se:

| PERÍODO | INTERCÂMBIO |            |
|---------|-------------|------------|
|         | EXPORTAÇÃO  | IMPORTAÇÃO |
| 1970    | 4,0 %       |            |
| 1990    | 3,5 %       |            |
| 1975    |             | 4,2 %      |
| 1990    |             | 2,5 %      |

FONTE: Rubens Antonio Barbosa, 1991.

Os mercados mundiais dos países industrializados, tem como obstáculos:

- i - efeito não-tarifários;
- ii - medidas unilaterais;
- iii - discriminação em favor dos países desenvolvidos.

As exportações dos países em desenvolvimento apresentam algumas características como:

- i - mão-de-obra e recursos naturais estão em deterioração e provocam redução da demanda e rápida obsolescência devido as transformações tecnológicas de mudanças estruturais nos padrões de produção e comércio mundial;
- ii - concentração entre 60 e 70% do intercâmbio comercial regional com os mercados dos USA e CEE: por exemplo, no Brasil 65% das exportações dirigem-se para os mercados do Canadá, USA e CEE. A unificação destes mercados repercute negativamente no comércio exterior da região latino-americana.

iii - interrupção do fluxo de investimentos dos países desenvolvidos (bancos e empresas). De 1980 - 1988 a América Latina assistiu a redução de 13% para 5% em sua participação na localização dos investimentos mundiais.

O México e o Chile de 1990 - 1991 reverteram a situação e o Brasil em 1991, também reverteu aquela tendência com um fluxo de mais de US\$ 6 bilhões.

O Instituto de Finanças Internacionais, vinculado aos bancos privados norte-americanos, recomendou que não fossem concedidos empréstimos novos aos países que atrasassem os pagamentos relacionados com o serviço da dívida externa;

iv - dificuldades de acesso às fontes de tecnologia e à cooperação tecnológica, agravada pelo baixo investimento interno em pesquisa e desenvolvimento, por parte de empresas e Governo. Por exemplo, somente 0,7% do PIB é aplicado em pesquisa e desenvolvimento no Brasil.

- **Cenário Econômico:** os efeitos da política econômica criaram novos espaços de desenvolvimento regional e mundial delimitado para algumas áreas, como América Latina o maior declínio em toda a sua história na década de 80. Para se ter uma idéia, se as taxas de crescimento observadas nos anos 60 e 70 tivessem continuado a economia seria, hoje, 30 a 40% maior do que é.

Em termos econômicos, o PIB total dos onze países da América Latina estava estimado em cerca de US\$ 740 bilhões, com um produto per capita médio de US\$ 2000 (contra 2156 no começo da década). Brasil, Argentina e México concentravam 77% do PIB global. O Brasil representava 40% do PIB de 1990 da América do Sul e México.

- **Cenário Demográfico:** cabe lembrar que a América do Sul e México concentram a quase totalidade da população da região latino-americana, vivendo hoje nesta área cerca de 377 milhões de pessoas, das quais 73% vivem nas zonas urbanas. Durante a década de 80 o crescimento demográfico diminuiu de 2,3% para 2,1%.

- **Cenário comércio exterior** - Brasil e Argentina são responsáveis pela maior parte do comércio intra-regional: respectivamente 30% e 16% das exportações e das importações totais dentro da região da América do Sul, em 1990.

Para a Argentina as exportações e importações intra-regional representam, respectivamente, 23% e 34% dos fluxos globais. A participação dos países sul-americanos no comércio intra-regional exterior com o Brasil não alcançava 10% das exportações brasileiras e com referência as compras externas globais não ia além de 17% esta participação.

Os países mediterrâneos (Bolívia e Paraguai) ou fortemente influenciados pelas fronteiras geográficas (como o Uruguai) apresentam dependência do comércio intra-regional, geralmente em percentuais superiores a 40% em média dos montantes globais.

- **Cenário internacional no futuro imediato:** introduz alguns elementos de preocupação referentes à evolução do intercâmbio comercial da região, como: a redução da taxa de crescimento dos países industrializados; o desnível tecnológico e a nova estrutura de reprodução (apoiada em mais informações e conhecimento e menos recursos naturais; persistência de altas taxas reais de juros).

Disso decorrem problemas complexos de soluções localizadas em horizontes distantes, a saber:

- dificuldades na inserção dinâmica da economia mundial
- acentuação da perda de participação relativa na expansão global do comércio
- diminuição da importância da região como área de investimentos
- aumento da exportação de capitais.

A partir dos cenários, expostos, as perspectivas de comércio futuro para a América do Sul, em 1993 apresentarão um razoável grau de integração

comercial e econômico com a CEE. A base desta integração está apoiada nas 4 liberdades de circulação; de bens, de serviços, de capitais e de pessoas.

As conseqüências da implementação do conjunto de medidas necessárias para efetivar esse mercado de circulação são claras. Segundo analistas europeus, tais medidas aumentariam sensivelmente as oportunidades de negócios internos, por facilitar as operações comerciais, econômicas e financeiras.

Esses elementos geram condições para que se crie um **mercado próprio**. Acredita-se que a falta de perspectivas para fazer da América do Sul um item importante na agenda internacional das instituições comunitárias seria um dos fatores determinadores da **idéia de um mercado próprio**.

## O ESPAÇO GEOGRÁFICO DA AMÉRICA LATINA

O volume dos intercâmbios ou de fluxo de capital que algumas empresas conseguiram em determinados setores, não foram significativos. Isso gerou inquietações e criou ansiedades em torno de uma solução viável pela vertente econômica.

A falta de definição de uma política clara da Europa dos 12 para o conjunto da América do Sul é, de certo modo, explicável pela pouca importância dada a região no contexto do relacionamento externo comunitário e do reduzido grau de significação do comércio com a área no total do comércio da CEE.

Nossos pontos fracos, ainda são:

- atraso tecnológico da América do Sul e que também se aplica a América Latina como um todo;
- siderúrgicas e têxteis concorrentes com a bacia do Pacífico e CEE.
- área agrícola. A CEE vêm absovendo cada vez menos produtos primários
- investimentos
- dívida externa.

A CEE, certamente, deverá servir como exemplo de integração factível e positiva para a região do Cone-Sul na concretização de sua abertura de mercados e na formação de economia de escala.

Por outro lado a comparação entre CEE e a América Latina pretende estabelecer diálogos nas negociações sobre a situação econômica e a comercial entre CEE - ALADI (Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai) e com os grupos Andinos e Centro-americano.

Está prevista a participação da CEE em projetos de integração da América do Sul como : transporte, comunicações e infra-estrutura e em projetos de cooperação entre pequenas e médias empresas européias e Latino-americanas para a formação de "joint-venture euro-latino-americanas".

Também, pretende-se buscar nichos de mercado comunitário para produtos da região, em especial do Brasil, os quais possam ser competitivos no mercado.

No contexto do MERCOSUL serão assinados acordos de cooperação entre os 4 países e CEE.

Contudo a **integração regional trará conseqüências**. Entre elas destaca-se a diminuição da participação da região nos fluxos comerciais e de investimentos em nível mundial; tendência associada, em especial, à crise da dívida externa e à perda de dinamismo dos Estados nacionais como agentes econômicos; o atual redirecionamento de capitais públicos e privados (ajuda, empréstimos, investimentos) em direção à Europa centro e oriental podendo agravar, ainda mais, a "periferização" crescente das cidades da América do Sul.

### O MERCOSUL - (Mercado Comum do Sul)

A América do Sul em seu conjunto e os países individualmente apresentam um situação de déficit crônico na balança de serviços com o exterior. A

região tem desvantagens comparativas nesse setor em relação aos países desenvolvidos, melhor dotados em recursos humanos e tecnológicos, além de infra-estrutura material (transporte, comunicações), para competir internacionalmente.

O quadro do mundo, hoje, se constitui por:

1) países desenvolvidos, oferecendo serviços de alto valor agregado, e, portanto, intensivos em conhecimento e tecnologia;

2) países em desenvolvimento, limitados aos serviços intensivos e mão-de-obra não especializada, de baixo valor agregado e não - competitivos internacionalmente ou não - comercializáveis no mercado internacional.

A partir de 1982 os estados sul-americanos deram início ao que chamam de fase pragmática, criando projetos integracionistas ajustados às necessidades do momento que são as de marginalização no Continente.

Os interesses são de criar "interdependência ativa", uma crescente abertura internacional e de liberar a economia interna. As perspectivas são de integração regional e sub-regional. Esta forma, possibilitará compatibilizar uma abertura generalizada para a economia internacional com o aprofundamento da integração regional?

O que significa o mercado regional sul-americano para o Brasil?

Na verdade para o Brasil o mercado regional sul-americano tem importância relativa, porque o Brasil já é considerado um exportador para os 10 outros países membros da ALADI (cerca de 12% das exportações totais).

Por isso se tem indagado da participação do Brasil no processo de integração regional e na constituição do mercado comum sub-regional à luz de seus interesses permanentes e do seu relacionamento político econômico no imediato entorno geográfico.

Necessitaria o Brasil, nessas condições, engajar recursos e esforços de natureza diversa (administrativa, diplomática, empresarial, política) para estabelecer mecanismos e instrumentos adicionais de liberalização econômica e

comercial, realizar concessões de diversos tipos, coordenar diretrizes governamentais e alinhar políticas no campo econômico e social?

As respostas a todas essas questões não podem ser de caráter exclusivamente econômico, embora não se deva descartar os benefícios que o Brasil retirará do processo integracionista sub-regional e, posteriormente, continental.

O interesse básico pela efetivação do processo vem, de maneira pouco articulada, das áreas fronteiriças do Norte (Roraima, Pará), Noroeste/Sudoeste (Acre, Rondônia, Mato Grosso) e, de forma mais nitida, do Sul (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Além dos fatores geoestratégicos que possam desempenhar, embora de forma limitada, um papel de realce nesse processo, cabe salientar que as motivações do engajamento do Governo brasileiro são, fundamentalmente, de ordem política, como, aliás, parecem ser, igualmente, as razões dos países vizinhos.

Essas motivações de natureza política resumem-se basicamente a duas, sintetizada **em uma proposta interna de desenvolvimento nacional (reestruturação industrial e ampliação do mercado interno) e em um projeto externo de dequação a um mundo em rápida mutação.**

Em uma conjuntura internacional marcada por grandes transformações nos cenários econômico e político regionais e, em um contexto continental caracterizado por um renovado esforço para ampliar a cooperação comercial, financeira e tecnológica com os países desenvolvidos (onde situam-se nossos maiores interesses) a opção pela integração aparece como uma complementação natural. A ampliação das atuais dimensões dos mercados nacionais, requisito para chamada "inserção competitiva nos mercados internacionais", passa pela integração e constitui uma condição importante para acelerar o processo de desenvolvimento econômico com equidade: a modernização da economia e a competitividade externa. Desse modo, pretende-se atingir maior justiça social e níveis ampliados de bem-estar para a população.

Dos primeiros vinte anos do ALALC/ALADI, não se pode, porém cobrar realizações que não deveriam necessariamente fazer parte de sua missão chamada histórica. Exigir que uma associação dedicada ao incremento do intercâmbio comercial e dispondo de escassos recursos institucionais, para sua atuação, resolvesse o eterno problema das disparidades regionais ou os desequilíbrios nos estágios nacionais de industrialização. Também, não se pode exigir resultados sobre diferenças de níveis de desenvolvimento econômico e social entre os países membros, pois uma organização intergovernamental não têm controle sobre as políticas econômicas de seus países membros. Dessa forma a eficácia e a performance adapta-se ao desenvolvimento do sistema político-econômico nos países.

A nova dinâmica de integração regional caracterizada pelo surgimento de vários espaços sub-regionais e bilaterais entre os países-membros da Associação, colocou o problema da conveniência em se estabelecer procedimentos adequados a possibilitar a articulação progressiva e recíproca com vistas à conformação do MERCADO COMUN DO SUL (MERCOSUL).

As diferentes velocidades dos processos sub-regionais de integração, tornam problemática a possibilidade de tornar a ALADI o centro articulador da convergência regional.

Vive-se uma fase de transição e os contornos de sua nova atuação ainda não estão claras.

A conformação das instituições paralelas do MERCOSUL e do Grupo Andino, o reduzido espaço de negociação na área comercial, em decorrência da ação concentrada dos países integrantes dos dois subgrupos e a dificuldade para definir novos temas de negociações que interessam a todos os países-membros são grandes desafios que se antepõem a ALADI garantem o surgimento de novos arranjos espaciais nas áreas de atuação dos sub-grupos (Andino e MERCOSUL). Isto porque o futuro das relações econômicas está na globalização dos mercados. A regionalização é uma etapa necessária. O

MERCOSUL é uma indicação segura de que a criação de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), e mesmo de uma Integração Hemisférica, unindo as três Américas, não é um sonho.

O cronograma estabelecido entre Brasil e Argentina para harmonizarem suas políticas de acordo com os vários documentos gerados, atinge:

1- assuntos comerciais - tarifas, restrições não-tarifárias, regras de origem, tarifa externa comum, normas de procedimentos cambiais, compras do Estado;

2- assuntos aduaneiros;

3- normas técnicas - normas técnicas, harmonização de normas de metrologia;

4- política fiscal e monetária relacionada com o comércio;

5- transporte terrestre;

6- transporte marítimo;

7- política industrial e tecnológica;

8- política agrícola (medidas fitossanitárias);

9- política energética;

10- coordenação de políticas macroeconômicas.

O acordo Brasil - Argentina foi o elemento galvanizador e promotor da integração sub-regional e, a partir dele, da aceleração dos entendimentos na direção da integração do espaço Sul-americano, harmonizando populações e atividades. As formas de trabalho utilizadas determinarão o trabalho acumulado e fixarão no espaço formas geográficas - concretude da ação dos homens e determinadoras não só da presença do homem no espaço, mas principalmente do grau de tecnologia alcançado.

O momento é de construir um projeto de reforma do setor público e de modernização do Estado, visando uma atitude de simpatia e de sustentação da integração por parte dos meios de comunicação de massas, dos acadêmicos e intelectuais e da opinião pública com um todo.

No setor produtivo está praticamente superado o falso dilema que contraponha a inserção competitiva de cada país no sistema econômico internacional aos progressos da integração da região.

Contudo, para a harmonização, deverão ser superadas, as políticas macroeconômicas do campo monetário, cambial e fiscal, bem como a dos setores agrícola e industrial.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS NOS PADRÕES GEOGRÁFICOS.

Há desafios no momento para os países do CONE-SUL exigem transformações internas nos Estados membros e resultarão em mudanças no espaço geográfico e na organização dos padrões da espacialidade territorial dos estados.

No caso brasileiro, como expos Hélio Jaguaribe do IEPS, cabe ao governo a iniciativa de sanar suas finanças e sua moeda, mediante a pronta aprovação do Plano de Estabilização. Tal iniciativa abrirá condições para que o governo argentino, também no seu próprio interesse e no MERCOSUL reajuste suas relações entre custos internos e taxa cambial, como forma de recuperar sua capacidade exportadora.

O outro lado dessas mudanças, necessárias ao processo, estará operando no espaço geográfico dos dois principais membros (dado a sua importância territorial e econômica) alterações nos padrões que determinam suas especialidades territoriais advindas de um conflito interno dentro de suas regiões referentes a mudanças nas forças produtivas, porque uma economia estará perdendo poder e outra estará ganhando, empresas estarão perdendo força e outras estarão ganhando posição de mercado. As mudanças alcançarão organizações sócio-econômicas de escala espacial mais abrangente, onde grupos antes antagônicos terão seu poder conquistado por novos concorrentes. Isto sem dúvida

alterará a "ordem organizada" até então dos padrões que moldam as regiões geoeconômicas.

No Brasil, estas mudanças constituir-se-ão em um instrumento vital para o país se modernizar e principalmente, desvencilhar-se dos resíduos de um protecionismo ultrapassado, reciclar sua indústria, treinar recursos humanos e redimensionar o estado para se tornar compatível com as novas realidades do mundo contemporâneo.

Por fim, quando se indaga sobre o "poder de fogo" deste Mercado do Sul e como poderá ser ele particularizado em relação as demais aglutinações em formação, não se pode esquecer da opinião de Pedro da Motta Veiga (FUNCEX) analisando as particularidades dos recursos naturais existentes e as vantagens comparativas locais, como clima, solo, extensão agricultável e a presença de uma industrialização razoável, acredita que o MERCOSUL deverá ser um grande produtor de agroalimentares, investindo pesadamente nos negócios agropecuários, ao mesmo tempo em que produzirá manufaturados de média tecnologia e alguns artigos de alta tecnologia. Diante do que fica a questão: por este caminho mudará a posição do Brasil e dos demais países sul-americanos no "ranking" econômico mundial?

**RESUMO: O CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO MUNDIAL E O ESPAÇO GEOGRÁFICO DA AMÉRICA LATINA: (AMÉRICA DO SUL E BACIA DO RIO DA PRATA)**

O estudo faz uma reflexão em torno dos cenários político-econômicos do mundo que são derivados dos processos de integração global e observa a position das nações da América do Sul.

Os países da bacia do rio da Prata são membros da organização do MERCOSUL, no momento esta organização exige transformações de qualidade nos espaços político, econômico e social desses territórios.

**Palavras Chaves:** Integração, Mercosul, Organização Política, Organização das Nações da América do Sul, Organização Econômica.

**RESUMÉ: LES SCÉNARIOS POLITICO-ÉCONOMIQUE DU MONDE DANS L'ESPACES GEOGRAPHIQUE DANS L'AMÉRIQUE LATINE: (AMÉRIQUE DU SUD ET BASSIN DO FLEUVE DU PRATA).**

L'étude faire une réflexion abord dans les scénarios politico-économique du monde, que sont devenir des procès de intégration globale et observe la position de les nations d'Amérique du Sud.

Les pays de la bassin du fleuve du Prata sont les membres de l'organisation MERCOSUL. En ce moment el organisation exige transformations de qualité dans l'espaces politique, économique, et sociale de ses territoires.

**Monts-clefs:** intégration, MERCOSUL, organisation politique, organisation des Nations d'Amérique du Sud, organisation économique.